

# Antropologia Portuguesa

Volume 22-23 · 2005-2006

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

*Dossier Temático*

**VIOLÊNCIA**

# ***Dois exemplos medievais de violência interpessoal na Itália setentrional***

**Dario Piombino-Mascoli<sup>1</sup>, Elena Bedini<sup>2</sup>,  
Francisco Curate<sup>3</sup>, Barbara Lippi<sup>1</sup>, Francesco Mallegni<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Dipartimento di Biologia, Università degli Studi di Pisa, Italia

<sup>2</sup> Anthropozoologica, Livorno, Italia

<sup>3</sup> Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra, Portugal

dpiombino@biologia.unipi.it

**Resumo** No presente artigo descrevem-se dois casos de violência interpessoal, cronologicamente enquadráveis no período medieval e provenientes da Itália setentrional. Ambos os indivíduos continham um fragmento da arma agressora ainda *in situ*. O estudo antropológico destes remanescentes esqueléticos permitiu a reconstrução da dinâmica da agressão e o estabelecimento da sua provável causa de morte.

**Palavras-chave** Violência; medieval; Itália; paleopatologia.

**Abstract** In this article we report two cases of interpersonal violence collected in northern Italy and dated from the medieval period. Both individuals still had a portion of the assault weapon placed *in situ*. The anthropological study of these skeletal remains allowed the reconstruction of the aggressive attack and the establishment of a probable cause of death.

**Key words** Violence; medieval; Italy; paleopathology.

## **Introdução**

No decurso da sua história, todas as sociedades humanas estão sujeitas a formas mais ou menos explícitas de violência interpessoal (Larsen, 2002). Os testemunhos históricos, arqueológicos e etnográficos deste fenómeno são indubitavelmente numerosos (Larsen, 1997; Robb, 1997; Walker, 1997; Dei, 2005), mas muitas vezes não documentam o resultado final da agressão. Em consequência, o estudo dos remanescentes esqueléticos providencia a única evidência directa de eventos violentos em grupos humanos evanescidos (Larsen, 1997; Walker, 2001). Lamentavelmente, os comportamentos pretéritos possuem uma visibilidade arqueológica diversa

e esparsa, legada tanto pela problemática conservação dos restos ósseos e identificação das lesões (especialmente se perimortais; cfr. Wells, 1967; Buikstra e Ubelaker, 1994; Sauer, 1998), como também pelas próprias modalidades de desenvolvimento das acções (e.g., lesões dos tecidos moles, de conservação rara no registo arqueológico).

Os casos estudados – associados à presença de parte da arma utilizada, alojada *in situ* – constituem, portanto, uma rara e perspicua oportunidade de avaliar a dinâmica da agressão e a causa de morte em dois indivíduos medievais.

### **Caso A: o exemplar de San Benigno Canavese-Volpiano (sécs. XI-XII)**

#### **Contexto arqueológico e dados antropológicos**

A Abadia de Fruttuaria (San Benigno Canavese, Torino), fundada por Guglielmo da Volpiano, no ano 1003, foi alvo de numerosas intervenções de reconstrução (Figura 1). Em 1770, foi quase completamente demolida – à excepção da ala oriental do claustro e da torre sineira – e reedificada por Bernardo Vittone, respondendo à solicitação do cardeal Vittorio Amedeo delle Lanze (Pejrani Baricco, 1998).

Antes do dealbar da intervenção arqueológica, supervisionada pela “Soprintendenza Archeologica del Piemonte”, e sob a direcção da Dr.<sup>a</sup> Luisella Pejrani Baricco, entre 1980 e 1991, a estrutura da igreja primitiva era conhecida somente a partir de um esboço realizado pelo próprio Bernardo Vittone. Entre 1980 e 1984, a escavação arqueológica focalizou-se na área interna do templo; entre 1986 e 1991, prosseguiu por debaixo do actual limiar da igreja e no adro, mediante sondagens de amplas dimensões (Pejrani Baricco, 1998). Defronte da porta estendia-se um átrio quadrangular que, já no decorrer do séc. XI, foi submetido a algumas intervenções arquitectónicas, convertendo-se numa área sepulcral incorporando túmulos de fossa em alvenaria. Esta fase cemiterial, datada do séc. XII, é a mais antiga do complexo abacial e é composta por sepultamentos pertencentes a indivíduos laicos de estatuto social elevado. Durante os sécs. XV e XVI, as sepulturas (de deposição primária em caixão de madeira), de tipologia díspar e percorrendo todo o espectro socioeconómico da população, ocuparam completamente o

interior do edifício religioso. Subsequentemente, do séc. XVI ao derradeiro decénio do séc. XVIII, a igreja tornou a albergar sepulturas seleccionadas – talvez pertencentes a elementos do clero – com os indivíduos inumados quer em caixões de madeira quer em tumbas de tijolo.



**Figura 1.** Localização geográfica dos exemplares estudados.

No total, o estudo bioarqueológico – até agora publicado em formato abreviado – focalizou-se sobre 172 indivíduos (Mallegni *et al.*, 1998).

Encostada ao muro que cortava a porção meridional do átrio situava-se a sepultura 166, de forma trapezoidal e coberta por uma camada dupla e inclinada de tijolos. Este espaço sepulcral, cuja tipologia pode ser atribuída aos séculos XI e XII, continha os restos de três adultos do sexo masculino. O último indivíduo aqui deposto (166A), com uma idade à morte estimada em mais de 50 anos (Buikstra e Ubelaker, 1994), foi inumado quando os outros dois estavam já esqueletizados. O seu crânio é alongado, as órbitas médio-estreitas e o nariz estreito (Bass, 1987). A estatura presumida é de 176 cm (Trotter e Gleser, 1977). O seu esqueleto pós-craniano, razoavelmente

robusto e com secções diafisárias arredondadas, exhibe inserções musculares evidentes – sobretudo ao nível dos ombros e dos membros superiores – e alterações degenerativas articulares generalizadas.

Este indivíduo conserva-se, actualmente, no “Laboratorio di Paleoantropologia dell’Università di Pisa” dirigido pelo Prof. F. Mallegni.

### Evidências traumáticas

Uma ponta metálica encontra-se embutida na cavidade orbitária esquerda, da qual se aparta cerca de 15 mm. O ápice contacta com a superfície ântero-lateral do côndilo occipital esquerdo. Esta arma constitui, provavelmente, uma cúspide de flecha com 55 mm de comprimento, base imperfeitamente arredondada com perto de 10 mm de diâmetro e ápice pontiagudo de secção triangular. A flecha penetrou o crânio obliquamente, de cima para baixo, com um ângulo de cerca de 20° relativamente ao plano horizontal e com um ângulo de 17° no que concerne ao plano médio (Figura 2).



**Figura 2.** San Benigno Canavese (TO): indivíduo 166-A, pormenor. Notar a cúspide da flecha cravada no crânio.



Estes meios auxiliares de diagnóstico sugerem que a lesão traumática envolveu a pálpebra superior, o globo ocular, a artéria e a veia infra-orbitais, o músculo pterigóideo interno e externo, as artérias maxilar externa e eseno-palatina, assim como o plexo pterigóideo, o nervo maxilar e possivelmente também o nervo mandibular e as suas ramificações. Finalmente, outras lesões podem ter envolvido a cavidade faríngea esquerda e o músculo recto da testa. As ofensas aludidas são claramente incompatíveis com a sobrevivência do indivíduo (Germanà e Fornaciari, 1992).

Dos 20 indivíduos exumados da Abadia de Fruttuaria, datados dos séculos XI-XII, nenhum exibia qualquer tipo de lesão *peri mortem* (Mallegni *et al.*, 1998).

## **Caso B: o exemplar de Gragnola, Fivizzano (séc. XIV)**

### **Contexto arqueológico e dados antropológicos**

O Castelo de Aquila de Gragnola (Fivizzano, Massa-Carrara) é uma imponente estrutura fortificada, situada sobre uma colina no vale dos rios Lucido e Aulella (Figura 1). Foi provavelmente edificado por uma família nobre local entre os sécs. IX e X, embora as primeiras fontes escritas onde é mencionado tracem as suas origens ao séc. XIV (Poleschi, 2001). Ao longo dos séculos a sua estrutura arquitectónica foi modificada e completada até atingir a sua conformação actual. É possível pressupor, com base em documentos dos sécs. XIII e XIV, que o castelo fosse propriedade da família de Bianchi di Ebreria, senhor do burgo de Gragnola (Poleschi, 2001).

No dia 19 de Fevereiro de 2004, durante os trabalhos de reconstrução do castelo, foi descoberta uma sepultura situada junto ao antigo torreão, no interior de uma cavidade de forma rectangular. O indivíduo inumado encontrava-se deposto numa fossa escavada no terreno ao longo da parede sudeste da cavidade, em posição de decúbito dorsal, com os antebraços esquerdo e direito jazendo, respectivamente, sobre o tórax e sobre o ventre e o crânio sob uma pedra (Figura 5). Os restos esqueléticos, posicionados em deposição primária (Duday, 1994), pertenciam a um jovem adulto masculino (Buikstra e Ubelaker, 1994), com cerca de 170 cm de altura (Trotter e Gleser, 1977). O crânio é arredondado, a abertura nasal e as órbitas são médias (Bass, 1987). As inserções musculares são marcadas nos membros inferiores.

Os remanescentes deste indivíduo são mantidos presentemente no “Dipartimento di Ecologia Preistorica G. Sarfatti” da Universidade de Siena.

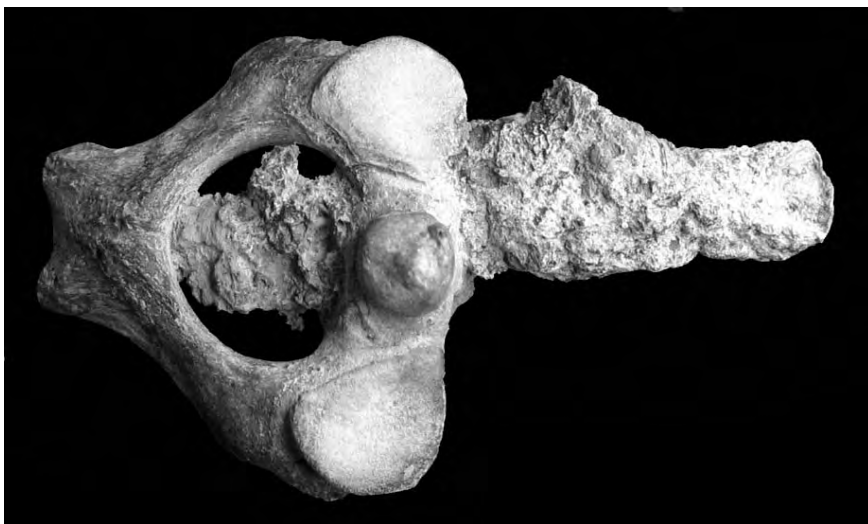


**Figura 5.** Castelo de Aquila de Gagnola (MS): a sepultura.

### Evidências traumáticas

Durante a fase de exumação deste indivíduo, ao retirar a mandíbula da sua posição anatómica, foi notada a presença de um objecto metálico, de conformação estreita e alongada, embutido numa massa de ferrugem. O estudo laboratorial possibilitou a identificação de um projectil com cerca de 8 cm de comprimento e diâmetro de 12 mm, incrustado no axis, trespassado ao longo do corpo e de todo o canal medular até à parede interna do arco neural posterior (Figura 6). A trajectória da cúspide é perpendicular à porção anterior da vértebra, atestando a natureza frontal da agressão. Foi ainda possível observar um conjunto de fracturas perimortais – na face posterior do primeiro incisivo, canino e primeiro pré-molar da arcada superior esquerda; e ângulo mesial do segundo incisivo inferior esquerdo – produzidas pelo instrumento antes de penetrar na segunda vértebra cervical (Figura 7). Neste caso a lesão provocou a morte imediata do indivíduo.





**Figura 6.** Castelo de Aquila de Gagnola (MS): pormenor da flecha incrustada no áxis.



**Figura 7.** Castelo de Aquila de Gagnola (MS): tomografia axial computadorizada.

Este projectil corresponde a um dardo de besta em ferro, de produção toscana, em uso durante o séc. XIV (De Luca, comunicação pessoal, 2004), em concordância, aliás, com a datação de  $^{14}\text{C}$  fornecida pelo Laboratório Beta-Analytic de Miami (Florida, EUA).

As observações efectuadas sobre o dardo permitiram a identificação de elementos de forma ovóide, de comprimento médio de 6,7 mm,

reconhecidos como pupas<sup>1</sup> de mosca (Mallegni *et al.*, 2006) (Figura 8). A análise microscópica possibilitou a avaliação da morfologia interna da parede cuticular de uma pupa com a clássica estrutura de anéis, assim como uma formação de 200  $\mu\text{m}$  identificável com a raiz de um corno respiratório proto-torácico. Os dados obtidos confirmam a filiação dos restos de pupa com um díptero do género *Ophyra*, do qual apenas duas espécies (*O. leucostoma* e *O. capensis*) – indistinguíveis em estado larvar e mesmo no estado adulto – são muito comuns na Europa (Seguy, 1923; Smith, 1986). Estas moscas encontram-se várias vezes associadas a corpos sepultos e as suas pupas muitas vezes encontradas a uma profundidade de um metro (Smith, 1986). Como nos cadáveres humanos enterrados os dípteros do género *Ophyra* aparecem durante o período de fermentação amoniacal do processo de putrefacção – cerca de um ano após o decesso – e como os adultos se encontram activos durante os meses de Junho a Outubro, é provável que a morte deste indivíduo tenha ocorrido durante o período estival (Introna e Campobasso, 1998). A sua identidade e as causas que motivaram o seu assassinato permanecem ocultas, se bem que a singularidade da fossa de inumação e a causa de morte pareçam indiciar um efectivo delito medieval.



**Figura 8.** Castelo de Aquila de Gagnola (MS): pormenor da pupa de *Ophyra* (esquerda) e corno respiratório proto-torácico no SEM (direita).

## Discussão

A correcta e escrupulosa interpretação de traumatismos ósseos potencia e amplia a experiência acerca do comportamento violento das sociedades

<sup>1</sup> Estádio intermediário entre a larva e o adulto, na metamorfose de certos insectos (N. do A.)

humanas, das batalhas, das técnicas e armas utilizadas em situações de contenda e clarifica a influência do ambiente, cultura e sociedade sobre a violência interpessoal. As evidências de trauma de origem violenta em restos esqueléticos humanos são abundantes (Cunha e Silva, 1997; Larsen, 1997; Robb, 1997; Walker, 1997; 2001; Dei, 2005; Hogue, 2006; Torres-Rouff e Junqueira, 2006). Não obstante, os comportamentos violentos adstritos à produção de lesões esqueléticas não são facilmente interpretáveis e compreendidos (Walker, 2001).

Na literatura paleopatológica não abundam descrições de casos em que a arma agressora permanece alojada *in situ*. Mesmo nas investigações paleopatológicas de batalhas, como a de Towton (Fiorato *et al.*, 2000) e de Uppsala (Kjellström, 2005), não são referidas quaisquer ocorrências deste gênero. Recentemente, Mitchell *et al.* (2006) descreveram as lesões traumáticas de um grupo de combatentes que defenderam o Castelo de Vadum Iacob, Israel, e que pereceram em Agosto de 1179, quando as forças de Saladino tomaram o castelo. Três dos cinco indivíduos estudados possuíam ainda pontas de flecha intimamente associadas aos seus restos ósseos. Numa reanálise recente dos restos esqueléticos dos combatentes da Batalha de Aljubarrota, Cunha *et al.* (2001) detectaram a presença de estilhaços de metal alojados num fragmento craniano e numa diáfise femoral. Os autores sugerem que o metal embutido poderá confirmar a utilização de setas ou virotões durante a batalha. Donald Ortner (2003) menciona três exemplos provenientes de dois sítios arqueológicos do Illinois, EUA. Nos dois primeiros casos, num homem e numa mulher adultos, foi observada uma ponta pétrea de flecha inserta numa vértebra. A terceira ocorrência refere-se a uma ponta de flecha inclusa na superfície medial do *ilium* de um adulto do sexo masculino. Todos os indivíduos morreram no momento da agressão ou pouco tempo depois. Em Espanha, na Ermida de Santa Catalina, dois homens exibiam pontas de flecha (datadas dos sécs. XIV-XV) associadas aos seus restos esqueléticos. Um dos indivíduos tinha a ponta alojada no crânio; o outro numa das costelas esquerdas (Ruiz Ruiz *et al.*, 2003). Também em Espanha, numa necrópole valenciana do séc. VI, foi registada uma ponta de flecha metálica alojada entre as vértebras C2 e C3, existindo claros sinais de cicatrização e sobrevivência do indivíduo (Calvo, 2000). Buckley (2000) enuncia o caso de um indivíduo juvenil, proveniente de um sítio pré-histórico de Taumako, Ilhas Salomão, que ostenta uma ponta de osso inclusa em uma das vértebras lombares. A autora conclui

que o indivíduo provavelmente morreu em consequência da lesão causada pela ponta óssea. Roberts e Manchester (1995) referem duas ocorrências similares em indivíduos provenientes da Grã-Bretanha. No primeiro caso, um homem do período Anglo-Saxónico possui um dardo de ferro alojado na face posterior da terceira vértebra lombar. De acordo com os autores, esta lesão não foi a causa de morte do indivíduo. Num outro esqueleto masculino, do período Neolítico, uma ponta de flecha encontra-se embutida no aspecto anterior de uma vértebra lombar. Ao contrário do que se verificou no caso anterior, esta lesão teve consequências fatais para o indivíduo envolvido.

A breve exposição de casos – de diferentes origens geográficas e períodos históricos – envolvendo a permanência da arma de agressão ainda *in situ* permite delinear algumas tendências no campo da violência interpessoal que robustecem o conhecimento da história da violência e da guerra. Em quase todos os estudos referidos, um dado que cintila convoca, iniludivelmente, o sexo dos indivíduos. Se exceptuarmos o juvenil das Ilhas Salomão, de sexo desconhecido (Buckley, 2000), e a mulher do Illinois (EUA) (Ortner, 2003), todos os indivíduos estudados eram do sexo masculino. De facto, a violência, a guerra e o conflito sempre foram, ao longo da história, prerrogativas essencialmente masculinas (van der Dennen, 1995). Os dois casos estudados neste artigo – como a maioria dos estudos paleopatológicos – corroboram de forma clara os dados historiográficos. Interessante, também, é a distribuição topográfica das lesões. Como refere John Waller (2000), os alvos para uma agressão com flecha são diminutos em termos de área. As áreas mais vulneráveis são a face, a garganta, o tronco e os braços. Nos casos da Itália setentrional, e nos outros estudos mencionados, as regiões corporais mais afectadas são o crânio (incluindo a face) e o tronco (vértebras e costelas), em concordância com as fontes históricas. Atente-se, ainda, à similitude entre o caso de Gragnola (Caso B) e os casos mencionados por Ruiz Ruiz *et al.*, (2003), da Ermida de Santa Catalina em Espanha. Ambas as situações ocorreram provavelmente no séc. XIV e envolveram o uso da besta como arma de agressão.

## Conclusão

Os casos descritos neste artigo constituem uma rara oportunidade de estudar e examinar, não só as lesões ósseas provocadas por episódios de

violência interpessoal, como também as dinâmicas de agressão e a causa de morte em dois indivíduos que viveram durante a Idade Média na Itália setentrional. Adicionalmente, a presença das armas utilizadas, alojadas *in situ*, concorre para a singularidade dos casos apresentados e reforça o conhecimento do tipo de armas utilizado durante o período medieval. A natureza clássica, incontestável, das lesões (Roberts e Manchester, 1995) sentencia indubiamente a causa de morte destes indivíduos. A análise de remanescentes de dípteros do género *Ophyra*, no Caso B (Gagnola), permite mesmo alvitrar a época do ano em que o indivíduo foi assassinado.

## Agradecimentos

Os autores desejam exprimir a sua gratidão para com L. Pejrani Baricco (Soprintendenza Archeologica del Piemonte), S. Ricci (Università di Siena), M. Masetti e G. Fornaciari (Università di Pisa), pela preciosa colaboração. Um agradecimento particular à Dr.<sup>a</sup> Caramella e ao Dr. Giustini (Sezione di Radiologia Diagnostica ed Interventistica, Università di Pisa) pela cuidada investigação radiográfica e TAC. Ao Dr. Carlos Barradas agradece-se a ajuda na tradução deste texto do italiano para o português. Agradecem-se ainda as proveitosas sugestões de três revisores anónimos.

## Bibliografia

- Bass, W. M. 1987. *Human osteology. A laboratory and field manual*. Columbia, Missouri Archaeological Society.
- Buckley, H. 2000. A possible fatal wounding in the prehistoric Pacific Islands. *International Journal of Osteoarchaeology*, 10(2): 135-141.
- Buikstra, J. E.; Ubelaker, D. H. 1994. *Standards for data collection from human skeletal remains*. Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History. Fayetteville, Arkansas Archeological Survey. (Arkansas Archaeological Survey Research Series, 44).
- Calvo, M. 2000. El cementerio del área episcopal de Valencia en la época visigoda. In: Ribera i Lacomba, A. (ed.). *Los orígenes del cristianismo en Valencia y su entorno*. Valencia, Colección Grandes Temas Arqueológicos: 193-205

- Cunha, E.; Silva, A. 1997. War lesions from the famous Portuguese medieval battle of Aljubarrota. *International Journal of Osteoarchaeology*, 7(6): 595-599.
- Cunha, E.; Marques, C.; Matos, V. 2001. Os mais verdadeiros testemunhos da Batalha de Aljubarrota: os ossos dos seus combatentes. In: Monteiro, J. (ed.). *Aljubarrota revisitada*. Coimbra, Imprensa da Universidade: 133-187.
- Dei, R. 2005. *Antropologia della violenza*. Roma, Meltemi.
- Duday, H. 1994. L'antropologia "sul campo", una nuova dimensione dell'archeologia della morte. In: Mallegni, F.; Rubini, M. (eds.). *Recupero dei materiali scheletrici umani in archeologia*. Roma, CISU: 93-130.
- Fiorato, V.; Boylston, A.; Knüsel, C. 2000. *Blood red roses: the archeology of a mass grave from the Battle of Towton AD 1461*. Exeter, Oxbow Books.
- Germanà, F.; Fornaciari, G. 1992. *Trapanazioni, craniotomie e traumi cranici dalla Preistoria all'Età Moderna*. Pisa, Giardini.
- Hogue, S. 2006. Determination of warfare and interpersonal conflict in the protohistoric period: a case study from Mississippi. *International Journal of Osteoarchaeology*, 16(3): 236-248.
- Introna, F.; Campobasso, C. P. 1998. *Entomologia forense. Il ruolo dei ditteri nelle indagini medico-legali*. Nosseto, Essebiemme.
- Kjellström, A. 2005. A Sixteenth-Century warrior grave from Uppsala, Sweden: the Battle of Good Friday. *International Journal of Osteoarchaeology*, 15(1): 23-50.
- Larsen, C. S. 1997. *Bioarchaeology: interpreting behavior from the human skeleton*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Larsen, C. S. 2002. Bioarchaeology: the lives and lifestyles of past people. *Journal of Archaeological Research*, 10(2): 119-166.
- Mallegni, F.; Bedini, E.; Vitello, A.; Paglialunga, L.; Bartoli, F. 1998. Su alcuni gruppi umani del territorio piemontese dal IV al XVIII secolo: aspetti di paleobiologia. In: Mercado, L.; Micheletto, E. (eds.). *Archeologia in Piemonte. Il Medioevo*. Torino, Soprintendenza per i Beni Archeologici e Museo Antichità Egizie: 233-261.
- Mallegni, F.; Masetti, M.; Ricci, S. 2006. Un delitto medievale e le sue dinamiche: il caso del cavaliere del Castello di Gragnola (Massa Carrara). In: Guerci, A.; Consigliere, S.; Castagno, S. (eds.). *Il processo di umanizzazione*. Atti del XVI Congresso degli Antropologi Italiani (Genova, 29-31 Ottobre 2005). Milano, Edicolors Publishing: 601-610.

- Mitchell, P.; Nagar, Y.; Ellenblum, R. 2006. Weapon injuries in the 12<sup>th</sup> century Crusader garrison of Vadum Iacob Castle, Galilee. *International Journal of Osteoarchaeology*, 16(2): 145-155.
- Ortner, D. 2003. *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. San Diego, Academic Press.
- Pejrani Baricco, L. 1998. La chiesa abbaziale di Fruttuaria alla luce degli ultimi scavi archeologici. In: Mercado, L.; Micheletto, E. (eds.). *Archeologia in Piemonte. Il Medioevo*. Torino, Soprintendenza per i Beni Archeologici e Museo Antichità Egizie: 187-208.
- Poleschi, G. J. 2001. *Forum Gragnolae et Castrum Aquilae (dai primi documenti al rinascimento)*. Fivizzano (MC), Comune di Fivizzano.
- Robb, J. 1997. Violence and gender in early Italy. In: Martin, D. L.; Frayer, D. W. (eds.). *Troubled times: violence and warfare in the past*. New York, Gordon and Breach: 111-144.
- Roberts, C.; Manchester, K. 1995. *The archaeology of disease*. Ithaca, New York, Cornell University Press.
- Ruiz Ruiz, F.; Martinez Izquierdo, D.; Etxeberria, F.; Herrasti, L. 2003. Heridas mortales por saeta en la Ermita de Santa Catarina de Tiebas (Navarra). In: Martín, M.; Rodríguez, F. (eds.). *Dónde estamos? Pasado, presente y futuro de la paleopatología*. Madrid, Universidad Autónoma de Madrid y Asociación Española de Paleopatología: 402-407.
- Sauer, N. J. 1998. The timing of injuries and manner of death: distinguishing among antemortem, perimortem and postmortem trauma. In: Reichs, K. J. (ed.). *Forensic osteology*. Springfield, Charles C. Thomas: 321-332.
- Seguy, E. 1923. *Dipêteres Anthomyides. Faune de France*. Paris, Les Presses Universitaires.
- Smith, K. G. 1986. *A Manual of forensic entomology*. London, The trustees of the British Museum (Natural History).
- Torres-Rouff, C.; Junqueira, M. 2006. Interpersonal violence in prehistoric San Pedro de Atacama, Chile: behavioural implications of environmental stress. *American Journal of Physical Anthropology*, 130(1): 60-70.
- Trotter, M.; Gleser, G. C. 1977. Corrigenda to "Estimation of stature from long limb bones of American Whites and Negroes". *American Journal of Physical Anthropology*, 47(2): 355-356.
- van der Dennen, J. 1995. *The origin of war*. Groningen, Origin Press.
- Walker, P. L. 1997. Wife beating, boxing and broken noses: skeletal evidence for the cultural patterning of violence. In: Martin, D. L.; Frayer, D. W. (eds.).

- Troubled times: violence and warfare in the past.* New York, Gordon and Breach: 145-179.
- Walker, P. L. 2001. A bioarchaeological perspective on the history of violence. *Annual Review of Anthropology*, 30: 573-596.
- Waller, J. 2000. Archery. In: Fiorato, V.; Boylston, A.; Knüsel, C. (eds.). *Blood red roses: the archeology of a mass grave from the Battle of Towton AD 1461.* Exeter, Oxbow Books: 130-136.
- Wells, C. 1967. Pseudopathology. In: Brothwell, D. R.; Sandison, A. T. (eds.). *Diseases in antiquity.* Springfield, Charles C. Thomas: 5-19.

Artigo recebido a 11 de Novembro de 2006 e aceite a 22 de Março de 2007.